



PREFEITURA DE SANTOS
Secretaria de Educação



UME: EDMEA LADEVIG (EL)

ANO: 7º anos D e E

COMPONENTE CURRICULAR: Geografia

PROFESSOR(A): Vitor

PERÍODO DE 05/06/2020 a 19/06/2020

Unidade temática: O sujeito e seu lugar no mundo / Conexões e escalas

Objeto de conhecimento: Ideias e concepções sobre a formação territorial do Brasil /
Formação territorial do Brasil

Habilidade(s):

(EF07GE01C) Avaliar, por meio de exemplos extraídos dos meios de comunicação, ideias e estereótipos acerca das paisagens e da formação territorial do Brasil.

(EF07GEO01D) Analisar, por meio de exemplos extraídos dos meios de comunicação, ideias e estereótipos acerca das paisagens e da formação territorial do Brasil

(EF07GE02A) Analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica, discutindo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas no Brasil, em especial no Estado de São Paulo.

ROTEIRO DE ATIVIDADES

Instruções:

- 1º - Fazer a leitura das imagens e dos textos abaixo;**
- 2º - Não precisa copiar os textos;**
- 3º - Copiar as questões e respondê-las no caderno;**
- 4º - Anotar as dúvidas.**

A POPULAÇÃO INDÍGENA URBANA

Texto 1: O índio na metrópole

Há hoje, dentro do imaginário da sociedade brasileira atual, certo estereótipo arbitrário acerca da definição sobre "quem é" e "quem não é" índio*. Esse estereótipo, surgido nos tempos coloniais e reforçado ao longo da história, carrega consigo uma concepção de índio na qual alguns de seus traços culturais foram selecionados pela sociedade nacional como verdadeiros do ser indígena. Tais traços, enrijecidos no imaginário brasileiro, identificam como índio apenas aquele indivíduo que mora em aldeia e que se parece, nas suas representações estéticas, com um índio de tempos passados.

Mas, por incrível que pareça, há também índios que vivem em cidades. De acordo com o Censo 2010 do IBGE, mais de 324 mil indígenas (36% do total) vivem em áreas urbanas no Brasil. Só em São Paulo vivem quase 12 mil - número que faz da capital paulista a primeira do país em número de indígenas. São várias as etnias presentes na cidade: Maxacali, Tubinambá, Xavante, Terena, Kaingang, Krenák, Kuruáya, Pataxó, Fulni-ô, Pankararu, Pankararé, Kariri, Kariri-Xocó, Atikum, Xoklém, entre outras.

A natureza da inserção do índio nas áreas urbanas pode ser entendida por duas razões, entre as quais duas parecem se destacar. A primeira envolve as terras indígenas que acabaram sendo inseridas na região metropolitana devido ao crescimento da cidade. A segunda diz respeito à migração de membros de povos indígenas de outras regiões do país para os grandes centros urbanos em busca de melhores condições de vida. Este fenômeno é bastante verificável em cidades como São Paulo, Manaus, Boa Vista, Belém e Campo Grande.

A realidade, porém, mostra que a vida urbana acarreta em uma série de dificuldades para os indígenas. Isto é o que se constata em quatro

aldeias indígenas guarani que estão no perímetro urbano de São Paulo. Duas delas, chamadas Barragem e Krukutu, localizam-se no extremo sul da cidade e possuem população de cerca de 850 guarani. As duas outras aldeias, Tekoa Ytu e Tekoa Pyau, conhecidas como aldeias do Pico de Jaraguá, estão localizadas na zona oeste da cidade, ao lado do Parque Estadual do Jaraguá, e possui população de aproximadamente 600 guarani. A realidade das quatro aldeias guarani na cidade aproxima-se muito da realidade vivida pela população da periferia de um grande centro com todas as suas mazelas (acesso limitado a serviços, como saúde e educação, e condições inadequadas de moradia) acrescido, contudo, de discriminação e do racismo construído historicamente contra essa população.

Desta forma, a presença indígena nas cidades traz um duplo desafio. O primeiro, referente à política indigenista é o de adequar o direito dos povos indígenas de forma a contemplar essa realidade em meio urbano. O segundo, referente à política urbana, é buscar formas de garantir a diversidade no exercício do direito à cidade.

As políticas públicas para indígenas atualmente existentes estão concentradas em algumas frentes temáticas, relacionadas principalmente a questões de saúde, educação diferenciada e moradia. São, por vezes, políticas que de fato satisfazem aos interesses desses povos e, mesmo que ainda não suficientes em relação à demanda destas populações, e elaboradas de forma não necessariamente participativa, são um posicionamento político do Estado no reconhecimento da necessidade por políticas sociais diferenciadas.

No entanto, as políticas públicas existentes possuem um traço negativo em comum: a grande maioria não se estende aos indígenas que vivem fora de Terra Indígena (TI) demarcada pelo Estado nacional. Segundo o IBGE (2010), dos indígenas que vivem em área urbana, 92% vivem fora de TI*. Dessa forma, a imensa maioria dos índios que vivem nas

cidades fica descoberta das políticas indigenistas do Estado devido ao recorte territorial: estar ou não dentro de TI. Por mais que o Estado brasileiro tenha avançado no reconhecimento da necessidade de construção de políticas sociais diferenciadas para os povos indígenas, a questão do "pré-requisito do território" é ainda um nó que precisa ser superado.

A demarcação da terra é de extrema importância para povos que necessitam de uma medida que dê segurança sobre seus espaços geográfico-cosmológicos, sendo estes um meio de afirmação de seus modos de vida. Mas essa problemática, quando levada no contexto urbano, deve ser analisada em toda a sua complexidade. É preciso levar em consideração a realidade na qual os indígenas urbanos estão inseridos e os motivos que os levaram à cidade ou os que fizeram a cidade chegar até eles.

As autoras **Andrezza Richter, Carolina Rocha Silva e Kárine Michelle Guirau fazem parte do projeto "A cidade como local de afirmação dos direitos indígenas" do Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos.*

Texto 2: Indígenas na cidade: pobreza e preconceito marcam condição de vida

Falta de alimentos, desmatamento e avanço das cidades levam indígenas

Há muito tempo, a floresta amazônica deixou de ser o lar de milhares de indígenas. A escassez de alimentos, o desmatamento e o avanço das cidades sobre as matas são alguns fatores que motivaram povos tradicionais a migrar para áreas urbanas. Em Manaus, no Amazonas, eles podem ser encontrados em todas as regiões da cidade. A Fundação Estadual do Índio estima que de 15 a 20 mil indígenas de diversas etnias vivam em áreas urbanas amazonenses, como os sateré-mawé, apurinã, kokama,

miraña, dessana, tukano e piratapuaia. "Acredito que 90% dos bairros de Manaus tenham indígenas morando", informou o presidente da Fundação Estadual do Índio, Raimundo Atroari.

Apesar de buscar melhores condições de vida na cidade, a maioria dos indígenas vive em situação de pobreza, tem dificuldade de conseguir emprego e a principal renda vem do artesanato. "Geralmente, as comunidades estão localizadas em área de risco. Nunca é numa área boa. A gente sente muita essa dificuldade de viver na cidade. A maioria dos Sateré daqui da aldeia está no trabalho informal, sem carteira assinada. A maior parte fica dentro da aldeia trabalhando com artesanato. A gente consegue gerar uma renda mais no mês de abril quando o público procura. Fora isso a gente fica dependendo de doações", contou o tuxaua ou cacique Moisés Sateré, líder de uma comunidade no bairro da Paz, zona oeste de Manaus, onde vivem 14 famílias.

A antropóloga Lúcia Helena Rangel, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, confirma que é comum os indígenas, mesmo em áreas urbanas, viverem em comunidade. "Conforme vai passando o tempo, vem um, vem outro e mais outros, as famílias acabam se juntando em determinado bairro, ou em uma periferia que ninguém morava, e os indígenas foram morar. Você vai ver que nas grandes cidades como Manaus, Campo Grande, Porto Alegre, têm bairros eminentemente indígenas, ou segmentos de bairros, ressaltou a antropóloga."

Saúde

Moisés Sateré também reclama das dificuldades para acessar os serviços públicos de saúde. "Às vezes a gente não consegue esse atendimento porque muitos profissionais desconhecem a nossa realidade e acabam tendo preconceito com a gente. Quando eles reconhecem que a gente pertence a algum povo, começam a jogar dizendo que a gente precisa ir pra aldeia pra ser atendido ou procurar a Casai [Casa

de Saúde Indígena]. Então, fica empurrando”, disse a liderança indígena.

De acordo com o presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena (Condisi) de Manaus, Ronaldo Barros, da etnia maraguá, as políticas públicas de saúde são voltadas aos indígenas nas aldeias. Aqueles que vivem nas cidades, enfrentam os mesmos problemas que o restante da população. “Ele entra no mesmo processo de disputa por vagas e atendimento da mesma forma que os não indígenas enfrentam nas áreas urbanas.”

Ainda de acordo com Raimundo Atroari, a Fundação Estadual do Índio está desenvolvendo projetos para ajudar na geração de renda dos indígenas dentro das aldeias, como uma alternativa para evitar a migração deles para os centros urbanos.

“A gente está trabalhando para mudar essa história porque todas as áreas indígenas são riquíssimas, tem um potencial econômico grande. O mercado consumidor tem uma carência muito grande de tudo que tem na aldeia: alimentação, da matéria-prima, daquilo que pode ser transformado em jóia, em remédio, em perfume, enfim. Tudo que tem lá dá pra se transformar em moeda. E a Matriz Econômica Ambiental vem justamente trazendo toda essa possibilidade de geração de renda lá no habitat para os caboclos e indígenas”, explicou Raimundo.

A Matriz Econômica Ambiental foi lançada pelo governo do Amazonas em fevereiro para desenvolver, entre outros projetos, a economia do estado de forma sustentável, com a colaboração dos povos tradicionais.

Preconceito ainda é entrave

Morar em centros urbanos sem ocultar a ancestralidade e as próprias referências é ainda uma luta para mais de 315 mil indígenas, segundo dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O número

representa 49% do total da população indígena do país.

"Há ainda forte preconceito e discriminação. E os indígenas que moram nas cidades são realmente os que enfrentam a situação assim no dia a dia, constantemente", conta o presidente da Organização dos Índios da Cidade, de Boa Vista, Eliandro Pedro de Sousa, do povo Wapixana.

Em todo o Brasil, São Paulo é a cidade com maior população indígena, com cerca de 12 mil habitantes; seguida de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, com pouco mais de 11 mil e Salvador, com mais de 7,5 mil índios.

A antropóloga Lúcia Helena Rangel, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, destaca que desde a colonização, a presença indígena nas cidades é constante, mas, em décadas passadas, a cidade era um espaço proibido.

"Eles iam pras cidades e não diziam que eram indígenas. Ocultavam a origem e também ocultavam as referências culturais, digamos assim", explica. De acordo com ela, o medo da discriminação e de represálias do antigo Serviço de Proteção ao Índio impedia os indígenas de se apresentarem como tal.

Foi na década de 50, com o desenvolvimento industrial, que o processo de migração para as cidades se intensificou. Moradores do campo seguiam em busca de emprego nas fábricas e, com os indígenas, não foi diferente, conta a professora.

A própria Fundação Nacional do Índio (Funai), que tem como missão promover os direitos dos povos indígenas no Brasil, sofre o preconceito e percebe a situação dos indígenas que moram nas cidades.

"Essa questão do preconceito é até com os servidores [da Funai]. Se é com o servidor, imagine para o próprio indígena", indaga o coordenador regional da Funai em Roraima, Riley Mendes.

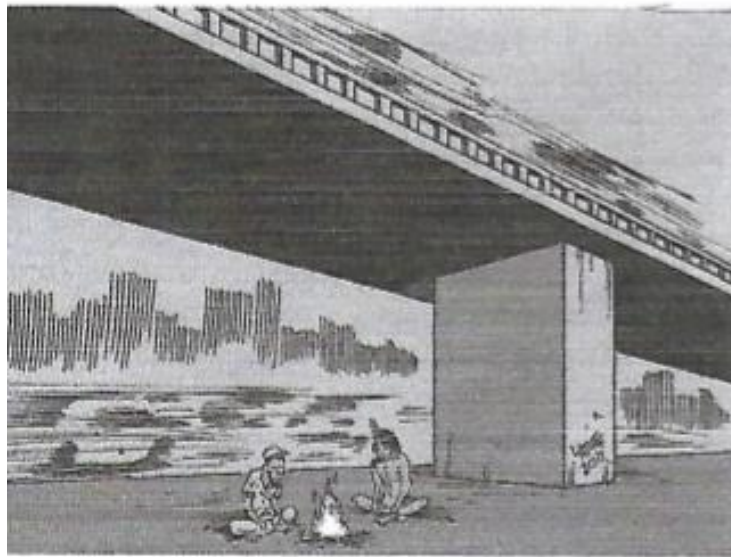
Resistência

O Padre Robert Marie de Zalicourt, do Conselho Indigenista Missionário no Amazonas, acredita que, para manter as próprias referências na cidade, os indígenas precisam se unir. "Tem famílias indígenas em todos os bairros de Manaus, mas não são reconhecidos. Então, eles têm tendência de perder a sua cultura. Eles estão mantendo essa especificidade quando estão unidos e organizados."

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-04/indigenas-na-cidade-pobreza-e-preconceito-marcam-condicao-de-vida>.

BRASIL: ÁREAS URBANAS COM AS MAIORES POPULAÇÕES INDÍGENAS (2010)	
CIDADE	POPULAÇÃO INDÍGENA
São Paulo	11 918
São Gabriel da Cachoeira	11 016
Salvador	7 560
Rio de Janeiro	6 764
Boa Vista	6 072
Brasília	5 941
Campo Grande	5 657
Pesqueira	4 048
Manaus	3 837
Recife	3 665

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2010. Indígenas. Disponível em: <<http://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html>>. Acesso em: 12 set. 2017.



LATUFF, Carlos Henrique. *Sem tetos e povos originários*. 2011. Charge.

- » Você concorda com a afirmação feita no **texto 1** de que existem estereótipos relacionados à população indígena brasileira? Quais seriam esses estereótipos?
 - » O trecho destacado no **texto 2** aponta para qual problema social? Qual é a causa desse problema?
 - » O que é retratado na charge? Como é possível relacioná-la com o trecho da notícia reproduzido no **texto 2**?
 - » Quais são os principais desafios enfrentados pela população indígena que vive nas cidades brasileiras?
-